



HOMOSSEXUALISMO: UMA ABORDAGEM BÍBLICO-TEOLÓGICA

Werner Wiese¹

RESUMO

O homossexualismo é um assunto extremamente polêmico. Durante séculos e até milênios se manteve na clandestinidade. No entanto, de algumas décadas para cá, veio a público e ocupa cada vez mais espaço na mídia e sociedade em geral, incluindo a sociedade religiosa, especialmente a cristã. No presente artigo, primeiramente se faz um levantamento dos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento nos quais o assunto em destaque está no horizonte. Em seguida, analisa-se linguística e teologicamente os dados dos textos, ouvindo argumentos e contra-argumentos. Constatase que tanto os textos do Antigo como do Novo Testamento apontam na mesma direção, ou seja: a prática homossexual não pode ser bíblicamente legitimada, antes, pelo contrário. A diferença entre o Antigo e o Novo Testamento é que o primeiro se limita a vetar a prática homossexual e puni-la severamente no interior do povo de Deus, e o Novo Testamento aponta para o Evangelho que não só perdoa o pecado, mas quer restaurar a pessoa. Com essas constatações, a problemática que o homossexualismo pode significar não está resolvida, mas a partir do Evangelho começa a poimênica – o cuidado pastoral que abre perspectivas de mudanças significativas para voluntários perseverantes.

Palavras-chave: Homossexualismo; Homossexualismo na ótica do AT e do NT; Homossexualidade e cuidado pastoral.

ABSTRACT

Homosexuality is an extremely polemic topic. During centuries and even millenniums it was kept clandestinely. But, starting some decades ago it came out public and over time it occupies, more and more space on media and

¹ Werner Wiese (Dr.) é professor titular de Novo Testamento na FLT – Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul/SC. É autor do livro: WIESE, Werner. *Ética Fundamental. Critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia – FLT; Editora União Cristã, 2008. E-mail: wwiese@flt.edu.br

on society in general, including the religious society, specifically the Christian one. On the present article, first there is an exposition of biblical texts from the Old and the New Testament on which the topic of the matter is in perspective. Next, there is a linguistic and theological analysis of the data on the text, listening the arguments and counter arguments. It's seen that both the texts of the Old and the New Testament point to the same direction, which is: the practice of homosexuality can't be biblically legitimated, but on the contrary. The difference between the Old and the New Testament is that the first limits itself to ban the homosexual practice and punish it severely in the interior of God's people, and the New Testament points to the gospel that not only forgives sin, but wants to restore the person. With these findings, the problems that homosexuality can bring aren't solved, but starting at the gospel there is the poimen work – the pastoral care that opens perspectives to meaningful changes for persevering volunteers. **Keywords:** Homosexuality; Homosexuality under the optic of the OT and the NT; Homosexuality and pastoral care.

I. INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

Homossexualismo é uma realidade antiga. Sua gênese e existência se fundem com a própria história da humanidade e, por natureza, com a complexidade da sexualidade humana como tal. E como no caso dessa última, o homossexualismo está recheado de mitos e ornamentado com aspectos da religiosidade humana.² Documentos históricos comprovam a prática homossexual entre os mais diversos grupos étnicos e povos civilizados, desde os tempos mais remotos. A postura diante do homossexualismo e as reações evocadas foram, no passado, e são, ainda hoje, bastante distintas.³ Portanto, que a homossexualidade e prática homossexual não são

2 Cf. GERLITZ, P.; BANNER, M.; GERBER, Uwe. „Sexualität“. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Vol. 31. Berlin;New York: Walter de Gruyter, 2000, p. 186ss.

3 BAILEY, S. „Homossexualität“. In: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart. Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft*. Vol. 3. 3. ed. retrabalhada. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1959, col. 442s.

algo novo é indiscutível. Contudo, hoje existe uma discussão nova em torno de homossexualismo e/ou homossexualidade.⁴ Não nos referimos a novidades no campo da pesquisa que dizem respeito às suas “causas”. Estas factualmente são muito controversas.⁵ Discuti-las aqui demandaria espaço que extrapola os limites desta abordagem.⁶ Novo, contudo, é como a “causa homossexual” vem à tona ou a público. Enfatizamos conscientemente que, em primeiro lugar, trata-se da constatação de fatos empíricos novos na sociedade e não de um pré-julgamento nem da avaliação imediata deles. Destacamos os seguintes fatores que chamam a atenção:

1) *Homossexualismo e espaço social público*. Enquanto a realidade homossexual como tal é antiga, sua publicidade é um fenômeno relativamente recente. Basta que se lembre de algumas das suas manifestações públicas mais ousadas e expressivas como: *marcha gay* e *orgulho gay*. Além disso, programas na TV, artigos em revistas, palestras em espaços sociais públicos como escolas, *projetos-lei*, etc., sinalizam a mesma realidade. Essa publicidade cresceu de forma acelerada de uns vinte ou menos anos para cá. Factualmente tornou-se *causa pública internacional*. Essa é a primeira constatação.

2) *A busca por compreensão teológica justa da homossexualidade*. Durante longo tempo, homossexuais foram discriminados dolorosa e dolosamente, sofreram atrocidades e

4 *Homossexualismo e homossexualidade* podem ser termos “cambiáveis”. Na abordagem em questão, *homossexualismo* se refere à *prática homossexual e homossexualidade* à *inclinação afetiva homossexual*. Para uma avaliação teológica deve-se distinguir entre ambas.

5 Cf. NOGUEIRA, Castilho L. *Homossexualidade*. São Paulo: ABU Editora S/C, 1989, p. 14-46.

6 Aqui também não podem ser abordadas outras questões complexas como *bissexualidade e transsexualidade*.

inclusive violências, tanto na sociedade civil quanto no interior da igreja cristã e de outras entidades religiosas. Isso, sem dúvida, é uma página muito obscura dos relacionamentos humanos. No mérito dessa questão não se pode entrar aqui.

Contudo, dentro da teologia e igreja cristã, em vários países e continentes, há muitos anos havia um *diálogo interno silencioso* a respeito da compreensão e avaliação justa da homossexualidade. Tratou-se de compreender o *fenômeno* e, conseqüentemente, de tomar a sério as pessoas “atingidas” pela homossexualidade e atitudes concretas decorrentes dela. Sem dúvida, para muitos parceiros desse diálogo silencioso, o interesse pelo *cuidado poimênico* da pessoa homossexual, passiva ou ativa, estava e está ainda hoje no horizonte.

3) *Debate e reivindicação teológica pública da homossexualidade e da “causa homossexual”*. O que durante muitos anos era assunto de *diálogo interno silencioso*, nos últimos anos, tornou-se *objeto de debate público em dias de igreja*, foi veiculado via *panfletos, periódicos* e outros meios de comunicação, especialmente na Europa. Nesse cenário, a Alemanha e os países baixos se destacaram. No dito *debate público* do assunto, atualmente há grupos de pessoas que afirmam inequivocamente que a Bíblia não censura o homossexualismo como tal. Admite-se que na Bíblia são censurados os abusos homossexuais. Conseqüentemente é reivindicado que pessoas que assumem publicamente sua orientação e prática homossexual inclusive devam ou possam ser admitidas para o exercício do ministério eclesiástico público; assim foi defendido por um grupo *pró-homossexualismo* no panfleto “*Homosexuelle und Kirche*” (*Homossexuais e Igreja*).⁷

4) “*Precedentes*” históricos. As reivindicações públicas em igrejas na Europa, especialmente na Alemanha, têm precedentes históricos nos Estados Unidos da América do Norte. Por exemplo: no final da década de 60, uma *igreja pentecostal* negou a ordenação ao ministério pastoral do homossexual confesso Troy Perry. Em 1972, a *United Church of Christ*, por sua vez, ordenou o primeiro pastor homossexual. A *Igreja Anglicana* fez o mesmo em 1977, conforme noticiava o *New York Times* de 24 de janeiro daquele ano. O já mencionado Troy Perry, que teve sua ordenação negada, fundou no ano de 1968, a primeira *comunidade homossexual*, em Los Angeles. Essa comunidade desenvolveu-se e dela surgiu, com o passar dos anos, a *Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches*. Ela tornou-se uma denominação cristã voltada preferencialmente para homossexuais de ambos os sexos (gêneros). Essa denominação se expandiu de tal modo que atualmente mantém igrejas em diferentes cidades de porte maior nos Estados Unidos. Ademais, ela se caracteriza por um *conservadorismo teológico*, com *acentuada orientação litúrgica e ecumênica* e, talvez, para a surpresa de muitos, *ênfatisa a alegria do evangelho*.⁸

5) *A história continuou e continua, ou: uma primeira conclusão*. Hoje, em vários países no mundo, homossexuais confessos são legalmente ordenados pelas suas respectivas igrejas. No contexto de movimentos pelos *direitos da cidadania* ou dos *direitos humanos* no interior de igrejas (= denominações) se formam *grupos de interesse* para defender ou fazer valer *os direitos homossexuais*. Isso ocorre

Antwort. Kassel: Verlag Weisses Kreuz GmbH Kassel, 1982, p. 4. Cf. HEMPELMANN, H. „Ohne Spannung leben! Das eindeutige Ja der EKD zur ethischen und theologischen Legimität homosexueller Praxis“. In: *Theologische Beiträge*. Haan, vol. 28, n. 5, 1997, p. 296ss.

8 EGELKRAUT, H., op. cit., p. 4.

de forma acentuada nos Estados Unidos e em países da Europa. Por exemplo: numa publicação alemã intitulada “*Evangelische Kommentare*” (“Comentários evangélicos”) é possível ler a seguinte frase: “Amizades homossexuais⁹ também cumprem a vontade de Deus” (“*Auch homosexuelle Freundschaften erfüllen den Willen Gottes*”).¹⁰ E é mais que sabido que vozes semelhantes se manifestam também no nosso país. Lá e cá, oportunamente, lança-se mão da Bíblia a favor de um “homossexualismo consciente responsável”.¹¹

Salvo melhor juízo ou mudanças de tendências na comunidade civil e religiosa, a “causa homossexual” muito provavelmente não só pedirá direito de existir livremente ou sem constrangimento, mas poderá também reivindicar ou até exigir seu “direito para atuar” como *sujeito de jeitos diferentes de ser* na própria igreja e teologia cristã, sob a tutela da liberdade emergente do Evangelho.

Obviamente, vozes contrárias também se manifestam, infelizmente, nem sempre com a sabedoria e o discernimento necessários. Com efeito, tanto as vozes favoráveis ou abertas ao homossexualismo quanto as contrárias no interior das denominações cristãs, recorrem de alguma forma à Bíblia para legitimar ou embasar seus argumentos.

9 O adjetivo *homossexual* que qualifica o substantivo *amizade* na frase citada, parece dar uma conotação erótica à amizade; esta ao menos é a leitura mais plausível de se fazer.

10 Apud EGELKRAUT, H., op. cit., p. 4.

11 Assim é dito ou silenciosamente pressuposto.

II. TEXTOS-PROVA CONCERNENTES AO HOMOSSEXUALISMO

1. Notas preliminares

À vista do exposto, é necessário perguntar o que na Bíblia de fato se diz sobre homossexualismo. A primeira tarefa consiste do levantamento das “provas materiais”, ou seja, dos textos na Bíblia que dizem respeito à homossexualidade, mais precisamente ao homossexualismo ou à prática homossexual. Por efeito das circunstâncias específicas que circundam o assunto, i.é, de argumentos pró e contra o homossexualismo no debate na atualidade, mencionam-se aqui não só os “textos incontestáveis”,¹² mas também aqueles textos que *supostamente* indicam para relações homossexuais implícitas.

2. Os textos-prova na Bíblia

De fato, as “provas materiais” de textos bíblicos, que se referem à prática homossexual, são poucas e se limitam às seguintes passagens.

2.1 Textos do Antigo Testamento

Em todo o Antigo Testamento há somente quatro textos que

¹² Como ainda se verá, até os assim denominados “textos incontestáveis” são contestados – ao menos no que diz respeito a alguns detalhes deles.

se pronunciam sobre o homossexualismo: Gn 19.5; Lv 18.22; 20.13; Jz 19.22. Desses textos, dois se referem ao *intento homossexual* e à reação que essa intenção evocou (Gn 19.5 e Jz 19.22). Os outros dois são uma advertência contra uma eventual relação homossexual (Lv 18.22; 20.13). Do ponto de vista meramente estatístico, as provas materiais são escassas.

2.2 Textos do Novo Testamento

No Novo Testamento, as provas materiais se limitam a três textos: Rm 1.26-27; 1Co 6.9; 1Tm 1.10. Estatisticamente falando, deparamo-nos com a mesma constatação já feita no Antigo Testamento. Há ainda quem questione se todos os três textos realmente falam de homossexualismo. Cabe à análise desses textos dar a resposta a esse questionamento.¹³

Pressupondo que todos os textos arrolados até aqui se referem ao homossexualismo, tem-se, ao todo, sete “provas materiais” em toda a Bíblia.

2.3 Textos de “homossexualismo implícito ou lícito” (!?)

De acordo com a opinião de alguns “defensores” da causa homossexual, existem textos na Bíblia que deixam transparecer uma relação homossexual entre humanos, sem que nesses textos haja qualquer julgamento de valor negativo. Seriam, por assim dizer, textos subsidiários de práticas homossexuais lícitas e aprovadas, no mínimo, não censuradas. Que textos seriam esses? Do Antigo Testamento, arrola-se essencialmente **2Sm 1.26** e **Rt 1.16ss**. O

¹³ Veja o capítulo III. **Análise e interpretação dos fatos.**

primeiro texto registra palavras de **Davi** dirigidas a **Jônatas**. Na versão de *João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil*, 2ª edição de 1993, lê-se: “*Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo comigo! Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres*”. Na versão *Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada*, 3ª impressão de 2004, lê-se: “*Que sofrimento tenho por ti, meu irmão Jônatas. Tu tinhas para mim tanto encanto, a tua amizade me era mais cara do que o amor das mulheres*”. O segundo texto (**Rt 1.16ss**) retrata o relacionamento havido entre **Rute** e **Noemi**.

No Novo Testamento, especialmente a partir de **Jo 13.23** (cf. também 19.26; 20.2; 21.20), há quem alegue ter havido um relacionamento homossexual entre **Jesus** e o **discípulo amado** e entre Paulo e seu colaborador Timóteo.¹⁴

Com isso, encerra-se o levantamento de dados materiais referente ao homossexualismo na Bíblia.

III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS FATOS

1. Notas preliminares

O levantamento dos *textos-prova* foi uma tarefa relativamente fácil, porque a *base textual* é estatisticamente limitada. Já a análise e a interpretação das provas materiais é tarefa mais ampla e difícil. Por isso, em primeiro lugar, serão abordados os textos do Antigo Testamento e depois os do Novo Testamento. Especialmente

¹⁴ Cf. EGELKRAUT, H., op. cit., p. 25.

nos textos do Antigo testamento, num primeiro momento, serão destacados os *dados* tais quais estão nos respectivos textos. Depois, procura-se ouvir o que pode ser chamado de *argumentos e contra-argumentos* ou *atenuantes e agravantes* na interpretação. Finalmente, pergunta-se pelas *conclusões* que podem ser tiradas a partir dos dados levantados.

2. Os textos do Antigo Testamento

Os textos do Antigo Testamento serão abordados juntos de acordo com a similaridade existente entre eles¹⁵.

2.1 Levíticos 18.22 e 20.13

2.1.1 Destaque dos dados

Em Lv 18.22, lê-se: “*Com homem não deitarás, como se fosse mulher; é abominação*”. O termo hebraico traduzido como “abominação” é תְּוֹעֵבָה. Lv 20.13 realça o teor do primeiro texto, ao dizer: “*Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles*”. Fica evidente que ambos os textos têm a mesma tônica: *vetam* a prática homossexual à qual se referem. Isso é um elemento indiscutível.

Considerando o contexto, o veto da prática homossexual *não é veto único*. Está ao lado de outros mandamentos ou ordens que dizem respeito à sexualidade e que estão inseridos na assim chamada *lei de santidade* ou *lei sacerdotal* que abrange os *capítulos 17-26*

15 Neste artigo o texto bíblico usado segue a versão portuguesa de *Almeida revista e atualiza no Brasil* (2ª edição de 1993). O uso de qualquer outra versão será identificado *in loco*.

do livro de *Levítico*. Em última instância, essa lei tem a ver com a *santidade do próprio Deus*, ou seja: a santidade é para se manifestar concretamente na vida do seu povo Israel. Daí lê-se: “*Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: ‘Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo’*” (Lv 19.2). No contexto e conjunto dessas leis, é repetida, várias vezes, a locução: “[**Pois**] **Eu sou o Senhor**”; às vezes se acrescenta ainda “**vosso Deus**” (cf. como exemplo: Lv 18.21, 30; 19.2, 3, 10, 12, 14, 16, 18, etc.). Essa locução, por assim dizer, é o fundamento ou a razão das ordens de Deus. Teologicamente falando, Deus quer instaurar seu senhorio em Israel. Organizar e coordenar a vida do povo, inclusive a ética sexual ou a “esfera íntima”, faz parte da instauração do senhorio de Deus. Com outras palavras: o que está em jogo é o *direito de Deus*. Trata-se de *ordens* ou *leis apodídicas*, i.é, leis sem explicação adicional. Diz-se simplesmente: “Não farás...” Ou então a ordem dada, no caso, é reforçada com palavras como: “Quem praticar isto... será morto”. Boecker, profundo conhecedor da jurisprudência oriental antiga, em tese, diz que ordens dessa natureza, além da sua antiguidade, são únicas ou singulares no antigo Oriente.¹⁶

2.1.2 Argumentos e contra-argumentos ou atenuantes e agravantes

À primeira vista, o que se deduz a partir do contexto de Lv 18.22 e 20.13 é que a “clareza” e o “ímpeto” dos próprios textos *tendem* a dar por encerrada a discussão no que diz respeito à prática homossexual. Diga-se *tendem*, pois há fortes objeções contra o argumento de que aqui realmente se trate de proibir a prática homossexual como tal, pura e simplesmente.

¹⁶ Cf. EGELKRAUT, H., op. cit., pp. 5-6.

Veja-se: por parte de “defensores” da causa homossexual não se nega que Lv 18.22 e 20.13 censuram uma *determinada* prática homossexual. Isso é ponto pacífico. Daí surge a pergunta: que prática homossexual, afinal, seria esta que é censurada e vetada nos textos? A resposta dada é que não se trata da prática homossexual em si, pois esta era comum e aprovada tanto no Antigo Oriente como em Israel. Conforme esse *argumento*, o que se censura é a *prostituição cultural*, que incluía também a prostituição masculina, ou seja: a relação homossexual cultural entre homens.

Seguindo esse raciocínio, diz-se que Israel corria risco de ser atraído pelos cultos pagãos e de ser traído pela idolatria reinante neles. Aqui estaria o motivo pelo qual se proibia esse tipo de prática homossexual. Sustenta-se esse argumento a partir de Lv 18.1-3 que alerta contra o paganismo.

Continuando o mesmo raciocínio, afirma-se ainda que, nos textos focados, não se rejeita a homossexualidade em si, mas apenas a forma e as circunstâncias nas quais ela ocorre, ou seja: a prática homossexual nos templos como expressão de culto aos deuses. Tratar-se-ia especialmente do *culto às divindades de fertilidade - Baal* (בַּעַל) ou os *Baalins* (בְּעָלִים) e *Astarote* (אַשְׁתָּרוֹת).¹⁷ Para firmar essa interpretação, lança-se mão de outros textos bíblicos. Por exemplo, em **1Rs 14.24** lê-se: *Havia também na terra prostitutos-cultuais; fizeram segundo todas as abominações das nações que o Senhor expulsara de diante dos filhos de Israel. Acrescenta-se o texto de 2Rs 23.7*, que diz: *[Josias] Demoliu a casa dos prostitutos sagrados, que estavam no Templo de Iahweh, onde as mulheres teciam véus para Aserá* (Versão Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada,

17 Cf. BORN, A. v. den. “Astarot, Astarté”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 136. Cf. também HAAG, H. “Baal”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 147.

3ª impressão de 2004). “Prostitutos sagrados” *Almeida* traduz com “prostituição cultural” e “Aserá” com “poste-ídolo”. *Aserá* (אָסֵרָה) era uma “deusa fenícia da vegetação, companheira de Baal”.¹⁸ Nesses argumentos, pressupõem-se a existência da prostituição homossexual masculina.

O que dizer à vista desses argumentos? Os **textos** de **1Rs 14.24** e **2Rs 23.7** depõem a favor da existência de *prostitutos homossexuais* no templo de Jerusalém durante o período da decadência da fé como reflexo da *prostituição homossexual cultural* em templos pagãos? Para analisar o assunto é preciso destacar a terminologia específica usada nos textos em destaque.

O termo hebraico traduzido como *prostituição*, mais precisamente como *prostituta*, é **kadescha** (קִדְשָׁה) e o de *prostituto* é **kadesch** (קִדְשׁ). As versões portuguesas da Bíblia traduzem **kadesch** como **prostituto-cultural** (assim *Almeida*) ou **prostituto sagrado** (assim a *Bíblia de Jerusalém*).

Curiosamente **kadesch** significa *santo*. Pergunta-se: como uma *prostituta cultural* pode ser chamada de *santa*? Isso tem seu fundo histórico. Vejamos: a prostituta cultural estava a serviço de uma *deusa da fertilidade* nos templos pagãos. Caso ela “servisse” por um período mais longo no templo, poderia ser considerada *sacerdotisa*. A tradução correta de **kadescha** seria **(a) consagrada**. No entanto, pelo fato de ela se “consagrar à deusa por meio da prostituição, os profetas a denominaram ou chamaram de ‘prostituta’”.¹⁹

Paira no ar a pergunta: será que o **kadesch** – o *ser consagrado masculino* – era um *prostituto-cultural homossexual*, a exemplo

18 BORN, A. v. den. “Aserá”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 124s.

19 EGELKRAUT, H., op. cit., p. 6s.

do que acontecia com a *kadescha*? Durante longo tempo, muitos intérpretes defenderam essa ideia. Contudo, a partir de uma análise tanto da “ciência linguística quanto da ciência da religião isto não pôde ser comprovado”, afirma Egelkraut.²⁰ Veja-se alguns exemplos. O *primeiro* é extraído do *ugarítico* – uma língua cananeia antiga. Nessa língua, *kadesch* de fato designa um *servidor do templo* ou um *sacerdote*. No entanto, este *kadesch* não exercia nenhuma função sexual no templo nos termos acima expostos e interpretados. Nos textos veterotestamentários correspondentes, a LXX, por sua vez, não emprega uma terminologia homossexual para traduzir *kadesch* que, no caso, seria ἀρσενοκοίτης e termos cognatos.²¹

O *segundo exemplo* procede de templos babilônicos. Neles havia *kadeschen* (plural de *kadesch*). Estes, entretanto, eram *eunucos* – seres *masculinos castrados*. Bem, como tais, poderiam “servir” de objeto homossexual. Contudo, eles não tinham função sexual no culto. Travestidos como “seres míticos assexuados, participavam de procissões” religiosas.²²

Realmente, uma prática ou prostituição homossexual não faria sentido nenhum em *cultos de fertilidade*, cujos aspectos essenciais eram justamente *a fertilidade, o ato de gerar e parir*. Isso parece ser tão óbvio que D. S. Bailey – um “legitimador bíblico” da homossexualidade, diz, inclusive, que num “rito de fertilidade um

20 Id., p. 7.

21 HAUBECK., W. & SIEBENTHAL, H. v. *Neuer Sprachlicher Schlüssel zum griechischen Neuen Testament*. Vol. 2. Römer bis Offenbarung. Giessen: Brunnen Verlag, 1994, p. 67.

22 EGELKRAUT, H., op. cit., p. 7. Um texto como Dt 23.18-19 também não depõe contra estas constatações: “Não haverá prostituta sagrada entre os israelitas, nem prostituto sagrado... Não trará à casa de Iahweh teu Deus o salário de uma prostituta, nem o pagamento de um cão por algum voto, porque ambos são abomináveis a Iahweh teu Deus”. *Pagamento de um cão* não tem conotação sexual, mas caracteriza o salário de um “idólatra” pagão.

coito homossexual não teria nexos”.²³

2.1.3 Conclusão

Deve-se admitir que nosso conhecimento a respeito da prática homossexual da antiguidade é limitado. A escassez de textos bíblicos a respeito dela é um indício que sublinha esse fato. Por outro lado, a tradução *prostituto cultural* ou *prostituto sagrado* não é feliz e não nos deve induzir a pensar que a prática homossexual era algo aprovado em Israel. Embora existisse, nem nos países vizinhos de Israel ela não era aprovada, por tabela. A impressão clara é de que a *lei de santidade* em Lv 17-26 não censure apenas um determinado tipo ou determinadas circunstâncias dentro das quais a prática homossexual ocorria, no caso a idolatria, mas se refira à prática homossexual, pura e simplesmente.²⁴ Ela é chamada de **abominação a Deus** não (só) por poder estar ligada à idolatria ou culto idólatrico (claro, por isso também), mas porque ela, de fato, diluiria a ordem da criação manifesta nas criaturas distintas *homem* e *mulher* (אִישׁ וְאִשָּׁה) ou ainda *macho* e *fêmea* (זָכָר וּנְקֵבָה). De acordo com o preceito bíblico, a prática homossexual é incompatível com o próprio *Iahweh* e, conseqüentemente, transformaria a criação em novo caos.²⁵

2.2 Gênesis 19.5 e Juízes 19.22

A similaridade entre Lv 18.22 e Lv 20.13 é incontestável.

23 Id. *ibid.*

24 Cf. também HAUCK, Friedrich/SCHULZ, Siegfried. „πόρνη, πόρνος, πορνεία“. In: *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Vol. 6. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1959, p. 579ss., esp. p. 585.

25 Cf. Também WOLFF, H. Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 231s.

O mesmo se constata entre Gn 19.5 e Jz 19.22. Os dois primeiros textos *vetam a prática homossexual*. Gn 19.5 e Jz 19.22 registram *intenções de estupro homossexual* contra estrangeiros e a reação dos hospedeiros a essa intenção ou tentativa.

2.2.1 Destaque dos dados

- De fato, os dois textos e os episódios que narram fogem de toda e qualquer normalidade e ferem qualquer bom-senso, em todos os sentidos. O que causa repulsa não é só a violência e a perversão sexual dos “estupradores”, mas, de igual maneira ou muito mais ainda, a atitude de Ló (Gn 19), do “velho e do levita” (Jz 19).

- Resguardadas e destacadas a estranheza e anormalidade insustentável da natureza dos fatos ocorridos, o contexto de Gn 19.5 dispensa maiores comentários. O local do crime é Sodoma (e Gomorra), que foi destruído por Deus por causa da maldade praticada nessa(s) cidade(s). Todo episódio tem características de um *procedimento* ou *processo jurídico*. Em Gn 13.13 já se lê: *Ora, os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores contra o SENHOR*. Essas palavras caracterizam a má fama de Sodoma. Ela, a má fama, vem aos ouvidos de *Iahweh*; ecoa, por assim dizer, nos ouvidos de *Iahweh*.

- Após uma visita a Abrão e Sara (Gn 18), dois *mensageiros de Iahweh* se dirigem a Sodoma para checar a procedência ou não desses ecos. Os *mensageiros de Iahweh* são acolhidos na casa de Ló em Sodoma. Ló mesmo era estrangeiro na cidade, pois tinha migrado para lá (Gn 13.1ss). Ao anoitecer, homens de Sodoma batem à porta da casa de Ló e pedem que este lhes entregue os *dois estrangeiros* que abriga em sua casa. Diz o texto de **Gn 19.5**: *“Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós*

para que abusemos deles". A Bíblia na Nova Versão Internacional traduz: "Onde estão os homens que vieram à sua casa esta noite? Traga-os para nós aqui fora para que tenhamos relações com eles".

No texto de **Jz 19.22**, lê-se: *Enquanto eles²⁶ se alegraram, eis que os homens daquela cidade, filhos de Belial, cercaram a casa, batendo à porta; e falaram ao velho, senhor da casa, dizendo: "Traz para fora o homem que entrou em tua casa, para que abusemos dele"*. A Bíblia na Nova Versão Internacional novamente traduz: "... para que tenhamos relações com ele".

- A expressão **filhos de Belial** chama a atenção; ela vem do hebraico (בְּלִיָּעַל). Sua etimologia não é possível reconstruir com precisão. Trata-se de uma *construção genitiva* que parece já indicar para uma *maldade incomum* ou *intensa*. Born escreve: "Geralmente a palavra é interpretada abstratamente ('ruindade')"²⁷. Há quem traduza *Belial* por "O Maligno" (Satanás). Quem sabe, 2Co 6.15, que menciona Βελιάρ e se refere à Satanás, dê sustentação à tradução de *Belial* por "o Maligno"²⁸.

2.2.2 Argumentos e contra-argumentos ou atenuantes e agravantes

A princípio, os textos parecem não deixar nenhuma dúvida quanto à intenção dos habitantes tanto de Sodoma quanto de Gibeá no que diz respeito aos visitantes ou estrangeiros que haviam chegado às

26 *Ele* se refere ao **levita**, a seu **servo**, à sua **concubina**, ao **velho** e aos demais **moradores da casa do velho**.

27 Von den BORN, A. "Belial". In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 168s.

28 Id. *ibid.*; cf. também WOLFF, C. *Der zweite Brief des Paulus an die Korinther*. (Theologisches Handkommentar zum Neuen Testament, 8). Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1989, p. 150.

respectivas cidades; basta que lembremos as expressões “*Para que abusemos deles*” (Gn 19.5) e “... *dele*” (Jz 19.22) ou, como traduz a Bíblia na *Nova Versão Internacional*: “*Para que tenhamos relações com eles*” e “... *com ele*”. Já é secular e até milenar a interpretação que vê nesses textos uma intenção muito clara de prática e estupro homossexual.

No entanto, como no caso de Lv 18.22 e 20.13, recentemente também se faz objeções contra a interpretação que vê nos textos de Gn 19.5 e Jz 19.22 a intenção de abuso sexual, mais precisamente prática homossexual. A questão gira em torno da compreensão do verbo empregado para caracterizar a intenção de habitantes de Sodoma e de Gibeá. Na língua hebraica, usa-se o verbo ידע que significa **conhecer**. Portanto, a locução: *Para que abusemos deles / dele* ou *Para que tenhamos relações com eles / ele* significa: “Para que os conheçamos”, “Para que o conheçamos”. Nas versões portuguesas dos respectivos textos sobressaem aspectos hermenêuticos. Aliás, toda *tradução* é um *processo de comunicação* – ela necessariamente *transpõe limites* e, como tal, não pode abrir mão de aspectos interpretativos. Isso é algo inerente a praticamente todos os idiomas (línguas), especialmente daqueles idiomas sem parentesco ou origem comum. Em alguns casos, isso representa maiores dificuldades do que em outros. Obviamente, tradução como processo de comunicação que transpõe limites não é algo meramente arbitrário que fica ao bel-prazer de cada tradutor ou intérprete.

De qualquer maneira, para a questão em debate não dá para ignorar o significado do verbo ידע. O que realmente está em jogo? Usando justamente o verbo ידע do ponto de vista da defesa da “causa gay”, dois argumentos são ressaltados:

- O **primeiro** é que os homens referidos em Gn 19.5 e Jz

19.22 não pensam em relações homossexuais e *estupro gay*. Trata-se, apenas, de saber ou *conhecer* quem são os estrangeiros hospedados nas respectivas casas. Estrangeiros não identificados representam um risco para os cidadãos legítimos da cidade. Em Gn 19.5 há uma agravante. Ló também era estrangeiro. E se ele, sendo estrangeiro, recebe estrangeiros em sua casa, extrapola os limites dos seus direitos de estrangeiro, principalmente quando quer ser “juiz” (cf. Gn 19.9). Essa agravante é confirmada pelo fato de Ló não colaborar com a *segurança da cidade*, i.é, ele resiste e se opõe a uma *investigação dos visitantes*.

Retomando o verbo ידע. De qualquer maneira, esse verbo pode ser traduzido com *conhecer*. Entretanto, o mesmo verbo também é usado, especialmente no livro de Gênesis, como *eufemismo* para relação sexual. Em **Gn 4.1**, por exemplo, lê-se: *Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu...* Na versão da *Bíblia de Jerusalém* é dito: *O homem conheceu Eva, sua mulher, ela concebeu...* Já a *Bíblia na Nova Versão Internacional* traduz: *Adão teve relações com Eva...* (cf. também Gn 4.17).

Olhe-se também **Gn 19.8**: “*Tenho duas filhas, virgens...*” A versão da *Bíblia de Jerusalém* também usa a expressão “filhas virgens”. O que *Almeida* e a *Bíblia de Jerusalém* traduzem com *virgens*, no texto hebraico lê-se לא-ידעו איש (não conheceram homem).²⁹ O verbo ידע também é empregado aqui³⁰. Traduzido literalmente significa: “Que ainda não conhecem homem”. É difícil imaginar que as filhas de Ló não conhecessem homem algum. Nesse caso, a *Bíblia Almeida Século 21* é bem mais feliz na tradução (e

29 A LXX traduz corretamente o texto hebraico com οὐκ ἔγνωσαν ἄνδρα.

30 Cf. a análise dos respectivos textos bíblicos acima relacionados feita em *Analytical Key to the Old Testament*, vol. 1 e 2. Grand Rapids, 1989.

interpretação) do texto ao dizer: “*Tenho aqui duas filhas que ainda não conheceram homem na intimidade...*”

- No **segundo argumento** não se nega que habitantes de Sodoma quisessem relacionar-se sexualmente com os estrangeiros. Contudo, a denúncia no texto não se volta contra atos homossexuais em si, mas contra a intenção de *estupro grupal* contra *involuntários*. De acordo com esse argumento, o repudiável seria apenas o estupro grupal, contra o qual os hospedeiros dos estrangeiros também se opuseram.³¹

2.2.3 Conclusão

As evidências das provas materiais nos seus respectivos contextos não permitem que aqui se traduza יָרָא com *conhecer* nos termos alegados. Além das provas materiais já arroladas, contra essa interpretação depõe o que se lê em **Gn 19.6-7**: *Ló saiu à porta e, fechando-a atrás de si, disse-lhes: “Suplico-vos, meus irmãos, não façais o mal”* (versão da *Bíblia de Jerusalém*). Na mesma direção e com expressões mais fortes ainda, indica **Jz 19.23**: *Então o dono da casa saiu e lhes disse: “Não, irmãos meus, rogo-vos, não pratiqueis um crime. Uma vez que este homem entrou em minha casa, não pratiqueis tal infâmia”* (versão da *Bíblia de Jerusalém*).

Evidentemente, o que Ló sugere aos homens de Sodoma como “alternativa” à intenção primária deles³² e o que aquele “velho” fez não pode ser justificado, sob hipótese alguma. Reitera-se, aqui,

31 Cf. EGELKRAUT, H. p. 9-12, aqui especialmente p. 11.

32 Isso não fere somente a mentalidade ocidental, mas certamente também o bom-senso dos leitores antigos. Do contrário não faria muito sentido mencionar o fato neste contexto; cf. também RAD, G. von. *Das erste Buch Mose. Genesis.* (Das Alte Testament Deutsch. Neues Göttinger Bibelwerk, vol. 2/4). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1976, p. 172.

a estranheza, a anormalidade e o absurdo do ocorrido. Na verdade, os hóspedes na casa de Ló assumiram a guarda do próprio Ló e sua família (Gn 19.10ss). De qualquer forma, em primeira instância, tanto Ló quanto o “velho” tentaram evitar a violência que romperia a ordem do relacionamento dos gêneros dado na criação. O que o “velho” (Jz 19) não conseguiu evitar foi o *bárbaro ato de violência sexual* praticado contra uma mulher.

A impressão que se tem é que a degeneração e depravação de Sodoma e Gibeá atingem seu clímax na perversidade e viol(ent)ação sexual. Em Gn 19 o pecado de Sodoma é desmascarado; uma de suas manifestações parece ter sido a perversidade sexual manifesta no homossexualismo ativo.³³

2.3 2Samuel 1.26 e Rute 1.16ss

Como já foi mencionado,³⁴ os textos destacados, às vezes, são “arrolados” para falar de “homossexualismo lícito” na Bíblia. Repete-se, inicialmente, a leitura de **2Sm 1.26**: “*Que sofrimento tenho por ti, meu irmão Jônatas. Tu tinhas para mim tanto encanto, a tua amizade me era mais cara do que o amor de mulheres*” (versão da *Bíblia de Jerusalém*). A locução hebraica básica é *מֵאַהֲבַת נָשִׁים* (do que o amor de mulheres). O texto tal qual nos é preservado não porta nenhuma conotação erótica do relacionamento entre Davi e Jônatas. Nele se externa o sentimento oriundo da *aliança* feita entre Davi e Jônatas (1Sm 18.1-3) nas circunstâncias específicas em que ambos viviam (cf. 1Sm 20.1ss, etc.). Tratou-se de um contexto conflituoso,

33 Cf. EGELKRAUT, H. op. cit., p. 11; cf. também Is 1.9; Jr 23.14; Ez 16.49.

34 Cf. acima dentro do capítulo **II. Textos-prova concernentes ao homossexualismo** o item **2.3 Textos de “homossexualismo lícito”** (?!).

especialmente entre o rei Saul e Davi. Saul guerreava contra inimigos de Israel. Davi participava dessas guerras e nelas tornou-se notório por suas habilidades e conquistas de modo que foi mais aplaudido do que Saul. Em 1Sm 18.6ss se ouve, entre outras palavras, o seguinte: *As mulheres se alegraram e, cantando altamente, diziam: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares”. Então Saul se indignou muito... Daquele dia em diante Saul não via Davi com bons olhos* (v. 7-9).³⁵ É nesse contexto que Davi e Jônatas fazem uma *aliança* (בְּרִיתָה) e criam uma amizade estreita.

Fazer uma leitura erótica dessa amizade a partir de 2Sm 1.26 só parece ser possível mediante forte “**eisegese**”, ou seja: a partir de *conceitos pré-formados* que são projetados para dentro do texto. Além disso, Schmid chama a atenção que o *matrimônio de Davi* – ele inclusive era polígamo – e suas reações em relação às mulheres de um modo geral, depõe muito mais contra um relacionamento homossexual do que a favor dele.³⁶

No que diz respeito ao relacionamento entre Noemi e Rute como sendo um relacionamento lésbico, os argumentos são menos consistentes ainda. Em todos os casos, não parece ser coerente nem convincente que alguém que tenha uma relação homossexual lésbica, “insista” que sua “parceira” case com um homem, como Noemi sugeriu com muita insistência a Rute.

Antecipando: o argumento ou a suposição de que entre

35 Cf. também JENNI, E. „*‘hb lieben*“. In: *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. Vol. 1. München & Zürich, 1984, col. 64-67; HERTZBERG, H. Wilhelm. *Die Samuelbücher*. (Das Alte Testament Deutsch. Neues Göttinger Bibelwerk, vol. 10). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973, p. 196ss.

36 SCHMID, H. „Biblisch alles klar - oder? Was die Heilige Schrift zur Homosexualität sagt“. In: *Theologische Orientierung*. Albrecht Bengel-Haus. N. 144, outubro-dezembro 2006, p. 6.

Jesus e o “discípulo amado” (Jo 13.23), e entre Paulo e Timóteo tenha havido um relacionamento homossexual, não tem nenhuma sustentação exegética. Por essa razão, também não se discute detalhes a respeito nesta abordagem. Com razão, Egelkraut pergunta: “Por que motivo não pode existir um relacionamento de confiança e amizade profunda entre homens ou duas mulheres sem que isso crie vínculos eróticos e chegue a contatos homossexuais?”³⁷

3. Os textos do Novo Testamento

3.1 Ponderações iniciais

Primeiramente, deve-se perguntar pela relação entre Antigo e Novo Testamentos, especialmente no que diz respeito ao homossexualismo, dado o fato de, no Antigo Testamento, o assunto ser abordado principalmente no contexto da *Lei mosaica* ou sob o prisma dessa lei. De fato, na interpretação mais recente da nossa temática, por vezes, acontece que se remete ao fato de não estarmos mais sob a *Lei*, mas sob a *Graça*, e que Cristo é o fim da lei (Rm 10.4).

Em todos os casos, deve-se cuidar com a maneira como se fala de homossexualidade e da prática homossexual. Nem todos os argumentos servem para entrar no mérito da questão a partir do Novo Testamento. Por exemplo, diz-se que no Antigo Testamento “a prática homossexual cai sob o *veredicto da pena capital*, o que provaria que ela sempre é um erro grave”. De fato, a pena prevista é a *pena de morte* e, sem dúvida, a prática homossexual sempre é um erro grave. Mesmo assim, esse argumento capenga, pois há mais de vinte delitos

37 EGELKRAUT, H., op. cit., p. 25.

que, no Antigo Testamento, estão sob o mesmo veredicto, a começar com a idolatria. Ou: quantas prescrições e orientações existem no Antigo Testamento que consideramos superadas hoje sem que elas fossem revogadas explicitamente no Novo Testamento, a começar com o *sábado*.

Portanto, não é o tipo da pena prevista para um delito que pode ser usado como critério para determinar o que é certo ou errado. Isso também se aplica à prática homossexual. O critério é outro. O Novo Testamento é de fundamental importância para todas as questões relevantes que dizem respeito à vida cristã, como: a salvação do ser humano, a esperança escatológica, à ética em termos amplos e específicos, etc. Por exemplo, no NT não existe um único texto que exige a pena capital para a idolatria, etc., mas nem por isso idolatria deixou de ser uma afronta menor ao 1º Mandamento do que era o caso no AT. O que mudou é a maneira de se lidar com o fato. Isso vale por extensão também para a questão em debate.

Portanto, olhemos um pouco mais de perto os *textos-prova* do Novo Testamento. Limitamo-nos a observações exegéticas breves.

3.2 Romanos 1.26-27

3.2.1 O Contexto teológico

O texto em destaque é “clássico”³⁸ no Novo Testamento quando se trata de falar de homossexualismo. É importante indicar para o contexto maior de Rm 1.26-27: - Rm 1.18-3.20 retrata a humanidade inteira, composta por judeus e gentios. A distinção entre *judeus* e *gentios* ou falar de *judeus e gentios* era linguagem religiosa

38 Quando se trata de interpretar detalhes do texto, nem sempre há unanimidade. Mas, com raras exceções, as linhas mestras têm uma configuração clara.

usual da época, principalmente no interior do próprio judaísmo. Contudo, o retrato falado da humanidade é nítido e assombroso a um só tempo. Mostra uma humanidade em cativeiro, refém das suas próprias decisões e atitudes. - De Rm 3.21 até Rm 8.39, o apóstolo Paulo aponta para o que se poderia chamar de *operação resgate* deste cativeiro, que Deus efetua por meio de Jesus Cristo.

Lendo o contexto menor ou imediato de Rm 1.26-27, percebe-se uma relação estreita entre *perversão religiosa* e *perversão ética* (**Leia-se Rm 1.18-32**). Dessa leitura, conclui-se teologicamente o seguinte: *conhecimento de Deus sem reconhecimento de Deus*, i.é, *não glorificá-lo como Deus*, conduz à *alienação humana*. É chocante ler: *Por isso, Deus entregou tais homens...* (v. 24). Na língua original do Novo Testamento, que é a língua grega, o verbo “entregar” é παραδίδωμι e significa “abrir mão”, “soltar” ou “entregar à própria sorte”. Em Rm 1.18-32, Paulo emprega três vezes esse verbo (v. 24, 26, 28). É como se o próprio Deus dissesse: “*nem a mim o ser humano precisa mais prestar conta*”. Esta, de fato, seria a pior sentença que o ser humano pode ouvir.

3.2.2 Dados exegéticos e desdobramentos teológicos

As conseqüências deste παραδίδωμι são quase que imensuráveis: – os elementos da criação concorrem contra o próprio Criador para “preencher” o vazio provocado pela ausência do reconhecimento e da glorificação de Deus por parte do ser humano (v. 25). Na verdade, nenhum ser humano vive sem quaisquer *objetos de adoração e culto*.³⁹ Naturalmente, a pergunta é: que adoração e culto está em jogo? - É aqui que se expressa a estreita relação

39 HAACKER, K. *Der Brief des Paulus an die Römer*. (ThHNT, vol. 6). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1999, p. 52.

entre *perversão mental* (*religiosa*, não interessa se esta se manifesta em vãs filosofias, projetos, ambições, medo/temores, superstições, etc.) e *perversão comportamental*, *desvio de decoro criatural* ou *de criatura*.

Uma das três ocorrências do verbo παραδίδομι - *entregar* está diretamente ligado ao *desvio de conduta sexual*. Paulo fala de “trocar a relação correspondente à natureza por uma relação contrária à natureza” (μετήλλαξαν τὴν φυσικὴν χρῆσιν εἰς τὴν παρὰ φύσιν – cf. v. 26 e 27). Ou seja: seres humanos abandonaram ou jogaram fora o que receberam com a criação – a *relação íntima de homem e mulher* como dádiva do Criador (Gn 2.23-24) e a perverteram.⁴⁰

Não há dúvida: Paulo se refere à prática homossexual. Dúvidas existem quanta ao tipo da perversão sexual feminina no v. 26. De acordo com alguns exegetas, não está claro se neste versículo Paulo se refere a relações lésbicas entre mulheres ou a outro tipo de “relações contrárias à natureza”, por exemplo, com animais (cf. Lv 18.23; 20.16)⁴¹. No entanto, é provável que no v. 26 Paulo se refira a relacionamentos lésbicos. É o que se pode deduzir do v. 27, especialmente do adjetivo adverbial ὁμοίως, normalmente traduzido com “igualmente”, “semelhantemente” ou “da mesma forma”. Lê-se: *da mesma forma seres masculinos humanos* (οἱ ἄρσενες = machos) *abandonaram o contato natural do* ou *com o ser feminino humano* (τῆς θηλείας = da ou com a fêmea) ... *praticando atos vergonhosos, ser masculino com ser masculino...* Em todos os casos, no v. 27

40 NEUDORFER, H.-W. *Der erste Brief des Paulus an Timotheus*. Wuppertal / Giessen: R. Brockhaus Verlag & Brunnen Verlag, 2004, p. 77.

41 Cf. HAACKER, Klaus. „Exegetische Gesichtspunkte zum Thema Homosexualität. Stellungnahme zum Arbeitspapier ‚Homosexuelle und Liebe‘ für rheinische Gemeinden und Kirchenkreise“. In: *Theologische Beiträge*. Wuppertal, vol. 25, n. 4 1994, p. 1773ss., aqui esp. p. 174-175; cf. Id. *Der Brief des Paulus an die Römer*, op. cit., p. 53-54.

Paulo se refere à prática homossexual masculina como perversão da natureza humana.

Contudo, também aqui não faltou quem afirmasse que o apóstolo sequer estivesse opinando a respeito da homossexualidade. Ele apenas estaria retratando a tradição judaica que se opõe à prática homossexual. Entretanto, o “duto teológico” de Rm 1.18-32 é claro: Paulo não está retratando opiniões alheias, quaisquer que elas sejam, mas está emitindo um julgamento teológico dos mais radicais e duros em relação à *perversão cultural e ética*. Evidentemente, essa perversão não se limita ao desvio ético sexual no ato homossexual. Figura como uma atitude, ao lado de outras atitudes crassas, que afronta o Deus vivo. Portanto, a tese de que em Rm 1.26-27 Paulo apenas estivesse repassando tradição e opinião alheias não é sustentável. Ele argumenta de forma autóctone a partir do Deus Criador (cf. Rm 1.20-25).

A partir da ordem da criação, o relacionamento sexual entre homem e mulher e toda a questão em torno do homossexualismo são avaliados e adquirem seu peso e sua normalidade ou anormalidade. As Escrituras enfatizam a heterossexualidade humana e a relação heterossexual entre homem e mulher enquanto marido e esposa como a normalidade. Diga-se que uma relação de confiança, fidelidade e estável são desejáveis.

3.3 1Coríntios 6.9-10

3.3.1 Pano de fundo dos destinatários

É importante que se remeta ao contexto sócio-religioso dos destinatários da carta: a comunidade cristã em Corinto era composta, majoritariamente, por pessoas advindas de um meio sócio-religioso

pagão – como se dizia. Como cidade portuária, a reputação de Corinto não era das melhores, nem mesmo entre os não-cristãos. Ela era conhecida pela sua promiscuidade sexual e religiosa. Havia-se cunhado o verbo *korinthiazesthai* (κορινθιαζεσται), que significava “viver a la corintiana” o que, por sua vez, tinha conotação de “vicioso”, “perverso”, “libertino”, inclusive “ter uma doença venérea”.⁴² É nesse contexto e colorido que Paulo escreve e deve ser ouvido. Lê-se: *Ou não sabeis que os injustos (ἄδικοι) não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros (πόρνοι), nem idólatras (εἰδωλόλατραι), nem adúlteros (μοιχοὶ), nem efeminados (μαλακοί), nem sodomitas (ἄρσενοκοῖται), nem ladrões (κλέπται), nem avarentos (πλεονέκται), nem bêbados (μέθυσοι), nem maldizentes (λοῖδοροι), nem roubadores (ἄρπαγες) herdarão o reino de Deus (v. 9-10).*

3.3.2 Dados exegéticos e desdobramentos teológicos

Primeiro Paulo formula a *tese básica*: *Os injustos não herdarão o Reino de Deus (v. 9a)*. Em seguida, essa tese é desdobrada sob o *termo-chave injustos* (ἄδικοι). O termo πορνεία, normalmente traduzido com *impureza* e/ou *prostituição*, tem vários significados. É possível que esse termo também figure como um *termo-chave* a partir do qual o apóstolo mostra de que forma a *impureza* e *prostituição* se manifestam: - na **idolatria**, da qual em Corinto muito provavelmente pertencia à *prostituição cultural*; - no **adultério**; - na **prática homossexual**, e assim por diante. Pelo que tudo indica, os termos *efeminado* (μαλακοὶ) e *sodomita* (ἄρσενοκοῖται) se referem à homossexualidade. *Efeminado* provavelmente destaca o *parceiro passivo* e *sodomita* o *parceiro ativo*, mas *sodomita* também pode caracterizar o homossexualismo de forma geral, incluindo “crianças,

⁴² EGELKRAUT, H., op.cit., p. 19.

meninos” sexualmente explorados.⁴³

Evidentemente, existem questionamentos em relação à explicação dos termos *efeminado* e *sodomita*. Como já foi mencionado por ocasião da abordagem dos textos do Antigo Testamento, também aqui há quem afirme que Paulo não denuncia a prática homossexual como tal. Em jogo estaria uma determinada postura. Diz-se, por exemplo, que *efeminado* (μαλακοί) somente caracteriza a pessoa moralmente fraca e instável, e *sodomita* (ἀρσενοκοῖται) denuncia apenas o *sedutor*, especialmente o pedófilo.⁴⁴ Esses aspectos podem estar subentendidos na argumentação de Paulo, mas ela dificilmente se limita ao abuso homossexual infantil.⁴⁵

Retomando a tese inicial de Paulo no v. 9a, é importante que se destaque o seguinte: - Paulo não “denuncia” só o homossexualismo. A prática homossexual está inserida num amplo contexto do dia-a-dia das pessoas. Dito com outras palavras: a *ética cotidiana indecorosa* na comunidade cristã em Corinto abrange um leque de atitudes amplo e é “cúmplice” da mesma perspectiva ou falta de perspectiva de futuro que a prática homossexual, ou seja: exclui do Reino de Deus. Isso pode afetar nossos sentimentos e nosso “bom-senso” evangélico e humanístico.

- De outra parte, não se deve quebrar o agulhão das palavras apostólicas. Se Paulo alista uma série de questões ético-existenciais que excluem do Reino de Deus, ele não o faz para atenuar pecados atos nem para nivelar suas consequências sociais concretas e, muito

43 HAUBECK, W / SIEBENTHAL, H. v. *Neuer sprachlicher Schlüssel*, p. 67; NEUDORFER, H.-W, op. cit., p. 74.

44 EGELKRAUT, H., op. cit., p. 21

45 Id. Ibid.; cf. também SCHNABEL, Eckhard J. *Der erste Brief des Paulus an die Korinther. Historisch Theologische Auslegung*. Wuppertal / Giessen: Brockhaus Verlag & Brunnen Verlag, 2006, p. 318s.

menos, fornece argumentos para justificar ou acobertar um erro com outro.

- As questões mencionadas por Paulo eram um problema sério na comunidade cristã em Corinto: quem chegava à fé em Cristo, agregava-se à comunidade cristã e trazia boa bagagem do *modo de vida anterior à fé cristã* junto. Tratou-se de reprogramar a vida e colocá-la sob novos valores. Melhor: novos valores tiveram que ser criados e moldados, sob risco da contaminação de muitos (cf. 1Co 5.7).

3.4 1Tm 1.10

Os termos centrais deste versículo, que dizem respeito à temática, são *impuros* (πόρνοις) e *sodomitas* (ἀρσενοκοίταις). Como eles já foram abordados no texto anterior, não há necessidade de retomá-los novamente. Da mesma maneira como em 1Co 6.9-10, o que chama a atenção é que não se destaca apenas um *desvio de conduta*, no caso a prática homossexual, mas menciona-se uma lista maior de “pecados atos” que caem sob a mesma “censura apostólica”.

3.5 Conclusão

Os textos-prova do NT em relação à prática homossexual falam por si só. Quando vistos com a maior isenção possível de conceitos pré-formados, praticamente não deixam dúvida de que no NT a prática homossexual está descartada como opção ou preferência sexual sadia do cristão e, porque não dizer, do ser humano em termos gerais. Disso ninguém que ouve os textos atentamente poderia

duvidar. Por outro lado, também não deveria haver dúvida de que esta não é a única e última palavra que a teologia bíblica tem a dizer sobre o assunto. Especialmente a partir do Novo Testamento, percebe-se que ela não se limita à denúncia do engano e do erro, mas com base no agir de Deus em Jesus Cristo ela é “propositiva”: *Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados...* (1Co 6.11).

IV. ASPECTOS TEOLÓGICOS POIMÊNICOS: PERSPECTIVAS

1. Notas preliminares

Reitera-se que os dados da análise dos textos bíblicos falam uma linguagem clara: homossexualismo está na *contramão* da vontade de Deus. Agora, entre o “ideal” – o que Deus quer – e a realidade humana nua e crua, muitas vezes existe uma enorme discrepância, não só no que diz respeito ao homossexualismo, mas à vida em termos amplos. Por exemplo: Deus quer que se honre pai e mãe, que não se mate, não se adúltere, não se furte, não se diga falso testemunho, não se cobice o que é do outro, etc. Mesmo assim, pais são desonrados, pessoas são assassinadas, adultérios são cometidos e assim vai. A pergunta é: como lidar com essa realidade? Ignorá-la, seria uma ilusão; conformar-se com ela, porque os “tempos mudaram”, seria tornar-se cúmplice de um processo deteriorante na sociedade.

Retomando nosso assunto específico: homossexualismo e

homossexualidade são uma realidade complexa e, por conseguinte, um desafio teológico poimênico dos mais sensíveis e áduos, tanto para quem “sofre” diretamente com essa realidade quanto para quem tem a “tarefa” de ajudar a quem sofre. Seria assunto para uma abordagem à parte. No momento, restringimo-nos a alguns breves apontamentos poimênicos:

2. Posturas gerais em relação à homossexualidade e prática homossexual

O debate em torno do assunto é acirrado, e as posições defendidas são múltiplas e díspares. Dentre elas destacamos três:

a) Uma delas é a que encara a homossexualidade e a prática homossexual como algo “normal”. Ela, assim se diz, é condicionada sociologicamente e, conseqüentemente, sua prática é aceitável. Às vezes, fala-se dela como de uma variante da criação. Como tal, ela não só se equiparia à heterossexualidade, mas inclusive como uma forma de expressão da sexualidade superior à heterossexualidade.

b) A homossexualidade como uma questão genética e/ou como uma “doença” daí decorrente. Nesse caso, pessoas homossexuais são vistas *somente como vítimas* e sob hipótese alguma seria possível falar de cumplicidade pessoal e, por extensão, de culpa ou desvio de conduta.

c) A homossexualidade, especialmente a prática homossexual, é vista como contrária à natureza e configura culpa perante Deus e as pessoas. Conseqüentemente, a prática homossexual é repudiável. Diga-se que os textos bíblicos analisados apontam nessa direção.

3. Posturas pessoais de quem está envolvido na homossexualidade

Não só o debate em torno do assunto é acirrado e as posições defendidas são díspares, mas as posturas pessoais de pessoas homossexuais são distintas. Novamente destacamos três delas:

a) A pessoa envolvida diz: “Eu sou assim. Não posso nem preciso viver diferente”. Ela assume sua homossexualidade, conforma-se com ela e mais: vê-se legitimada a vivê-la ativamente, i.é, de expressá-la na prática.

Do ponto de vista teológico, com certeza, vale: Jesus Cristo perdoou e perdoa incondicionalmente pessoas que estavam e estão à margem da sociedade, no nosso caso, à margem da “normalidade”, o que inclui tanto heterossexuais como homossexuais. No entanto, Jesus também disse: “... *vai e não peques mais*” (Jo 8.11).

b) A pessoa envolvida diz: “Eu sou assim. Para mim não existe nenhuma outra perspectiva de vida”. E ela resigna.

Essas duas posturas são, a princípio, distintas, mas têm um elemento comum: podem sinalizar uma tragédia humana.

c) A pessoa envolvida não se conforma nem resigna, mas quer e vai à busca de ajuda. Esta, sem dúvida, é uma postura saudável que pode sinalizar o começo para mudanças significativas, ainda que isso represente um processo longo e, às vezes, penoso. Remete-se mais uma vez para **1Co 6.11**.

4. Posturas básicas fundamentais do cuidador – do *poimên*

Quem toma os dados dos textos bíblicos analisados a sério e os vê à luz do Evangelho e quem vê as pessoas que sofrem e as toma

a sério à luz do mesmo Evangelho, não pode furtar-se de assumir, igualmente, posturas pessoais no trato com pessoas homossexuais que o procuram e pedem por ajuda. Destacamos novamente algumas posturas (sequência não sinaliza obrigatoriamente prioridade):

a) É fundamental saber que há uma diferença teológica entre uma *constituição homofílica latente* e a *homofilia vivida* sexualmente. O ato homossexual e não o sentimento ou a inclinação é pecado. Isso deve estar claro para o cuidador – o *poimên*.

b) Deixar claro que homossexualismo, i.é, a prática homossexual não é pecado ou culpa imperdoável. Isso é determinante na postura do *poimên* e indispensável para lidar com a pessoa envolvida na problemática da homossexualidade. Consequentemente, deve ser dito *poimenicamente*, no momento certo e de maneira certa. Para a pessoa que sofre com sua homossexualidade, o que implica sentimento de culpa e pecado, o *poimên* deve apontar para o perdão de Deus em Jesus Cristo, que alcança o culpado e arrependido.

c) Saber disso e dizê-lo adequadamente é fundamental, porém, ainda não significa mudança ou ajuda concreta para que a pessoa envolvida, inclusive o cristão, consiga viver com seu problema⁴⁶ sem que acumule constantemente nova culpa que a/o oprima.⁴⁷ Como em muitos casos de dependência química, recaídas de dependentes são frequentes, existem inúmeros exemplos de “recaídas” na área (homo)sexual. O caminho para a restauração da pessoa pode ser mais longo e difícil do que se imagina. Possivelmente muitos vão ter

46 *Viver com seu problema* quer dizer que a inclinação afetiva homossexual pode ‘persistir’ a vida inteira.

47 Cf. também EIBACH, U. “Homossexualität und Kirche”. In: *Theologische Beiträge*. Wuppertal, vol. 25, n. 4, 1994, p. 192ss.; WERNER, R. „Homosexualität und die Vollmacht der christlichen Gemeinde“. In: *Theologische Beiträge*, op. cit., p. 223-240; EGELKRAUT, H., op. cit., p. 27-31.

que viver e lutar com sua tendência homofílica até o fim de sua vida. Aqui convém que o *poimên* esteja disposto e preparado para ajudar a carregar as cargas do outro onde isso é necessário e possível.⁴⁸ O recurso a profissionais da área da saúde como da medicina e psicologia deveria ser um pressuposto indiscutível.

d) Oferecer ajuda concreta às pessoas atingidas. Por exemplo: um círculo de pessoas onde se saibam recebidas e que as ajude a *preencher seu tempo* livre. O *tempo livre*, às vezes, é um dos maiores problemas para quem quer mudar de hábitos dos quais é refém. A “sensibilidade homofílica” dessas pessoas poderia ser aproveitada e canalizada para *sublimar* a tendência sexual latente. Isso novamente não se restringe à homossexualidade, mas inclui também a heterossexualidade.

e) Contar com e trabalhar a partir da perspectiva do Evangelho. Tanto para o heterossexual como para o homossexual vale dizer: o ser humano não é só um ser sexuado, não é constituído só de hormônios sexuais, por mais significativos, presentes e determinantes que sejam; o ser humano não é só química que rola e que se impõe.

A partir do Evangelho, a sexualidade pode e deve ser vista de uma perspectiva diferente. Do ponto de vista da secularização, a sexualidade, não raras vezes, é encarada e tratada como uma deusa. Vivemos numa sociedade não só erotizada, mas até pornificada. A essa visão de sexualidade convém contrapor como alternativa a visão bíblico-teológica de sexualidade, que tem sua raiz na própria criação do ser humano (Gn 1 e 2). Lá a sexualidade é um dom de Deus e responsabilidade ao mesmo tempo. Dizer que *o Evangelho faz diferença* não é só discurso, mas chance para novos valores.

⁴⁸ Boas orientações *poimênicas* se encontram na literatura mencionada na nota anterior.

5. Conclusão

Homossexualidade e homossexualismo são realidades complexas e dificilmente têm uma única causa. Apesar disso, é possível dizer o seguinte:

- o ser humano pode e precisa saber de onde vem. Ele não é produto do acaso ou de um longo processo de evolução cega, mas é criatura distinta do Criador do universo: *Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou* (Gn 1.27).

- O ser humano pode e precisa saber onde está. Ele vive no espaço da criação de Deus sob dois signos: *um signo* é a criação caída. Daí sua fragilidade e vulnerabilidade, o que inclui sua sexualidade. O *outro signo* é que o ser humano pode viver sob os bons olhos de Deus. O Evangelho de Deus, em Jesus Cristo, confirma isso de forma clara no testemunho das Sagradas Escrituras, especialmente no Novo Testamento. E mais: *Se alguém está em Cristo é nova criatura, as coisas velhas passaram, novas se fizeram* (2Co 5.17).

- Daí decorre que a ética pode ser sustentada pelo Evangelho. De fato, o Evangelho abre uma perspectiva de vida que supera a dimensão da erotização das relações humanas. A realização ou o sentido da vida humana não se esgota em poder viver ativamente sua sexualidade. Resguardadas as devidas proporções, o Evangelho permite falar de um *celibato evangélico* como opção e decisão em circunstâncias peculiares da vida (Mt 19.3-12). A partir dessa perspectiva emergente do Evangelho, uma *convivência humana sem conotação erótico-sexual e sem compulsão sexual* é possível. Essa é uma perspectiva que pode ser relevante na poimênica tanto com

heterossexuais como com homossexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, S. „Homossexualität“. In: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart. Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft*. Vol. 3. 3. ed. retrabalhada. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1959.
- BORN, A. on den. “Astarot, Astarté”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 147ss.
- BORN, A. von den. “Belial”, in: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 168ss.
- EGELKRAUT, H. *Homosexualität und Schöpfungsordnung. Die Bibel gibt Antwort*. Kassel: Verlag Weisses Kreuz GmbH Kassel, 1982.
- EIBACH, U. “Homossexualität und Kirche”. In: *Theologische Beiträge*. Wuppertal, vol. 25, n. 4, 1994
- GERLITZ, P.; BANNER, M.; GERBER, Uwe. „Sexualität“. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Vol. 31. Berlin;New York: Walter de Gruyter, 2000.
- HAACKER, K. *Der Brief des Paulus an die Römer*. (ThHNT, vol. 6). Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1999.
- HAACKER, Klaus. „Exegetische Gesichtspunkte zum Thema Homosexualität. Stellungnahme zum Arbeitspapier ‚Homosexuelle und Liebe‘ für rheinische Gemeinden und Kirchenkreise“. In: *Theologische Beiträge*. Wuppertal, vol. 25, n. 4 1994, p. 1773ss.
- HAAG, H. “Baal”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, col. 124s.
- HAUBECK., W. & SIEBENTHAL, H. v. *Neuer Sprachlicher Schlüssel zum griechischen Neuen Testament*. Vol. 2. Römer bis Offenbarung. Giessen: Brunnen Verlag, 1994.
- HAUCK, Friedrich/SCHULZ, Siegfried. „πόρνη, πόρνος, πορνεία“. In: *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Vol. 6. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1959, p. 579ss.
- HEMPELMANN, H. „Ohne Spannung leben! Das eindeutige Ja der EKD zur ethischen und theologischen Legimität homosexueller Praxis“. In: *Theologische Beiträge*. Haan, vol. 28, n. 5, 1997.
- HERTZBERG, H. Wilhelm. *Die Samuelbücher*. (Das Alte Testament Deutsch. Neues Göttinger Bibelwerk, vol. 10). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973.
- JENNI, E. „hb lieben“. In: *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. Vol. 1. München & Zürich, 1984, col. 64-67.
- NEUDORFER, H.-W. *Der erste Brief des Paulus an Timotheus*. Wuppertal /

Giessen: R. Brockhaus Verlag & Brunnen Verlag , 2004.

- NOGUEIRA, Castilho L. *Homossexualidade*. São Paulo: ABU Editora S/C, 1989.

- SCHMID, Hartmud. „Biblich alles klar - oder? Was die Heilige Schrift zur Homosexualität sagt“. In: *Theologische Orientierung*. Albrecht Bengel-Haus. N. 144, outubro-dezembro 2006, p. 6ss.

SCHNABEL, Eckhard J. *Der erste Brief des Paulus an die Korinther. Historisch Theologische Auslegung*. Wuppertal / Giessen: Brockhaus Verlag & Brunnen Verlag, 2006.

- RAD, Gerhard von. *Das erste Buch Mose. Genesis*. (Das Alte Testament Deutsch. Neues Göttinger Bibelwerk, vol. 2/4). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1976.

- WOLFF, C. *Der zweite Brief des Paulus an die Korinther*. (Theologisches Handkommentar zum Neuen Testament, 8). Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1989.

- WOLFF, H. Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.